

"Heresias" da Ciência"

O CLAM publica o artigo "Galileu, células-tronco e as tecnologias reprodutivas: as "heresias" da Ciência segundo a Igreja". O texto faz parte da série promovida pelo [Observatório de Sexualidade e Política \(Sexuality Policy Watch\)](#).

Galileu, células-tronco e as tecnologias reprodutivas: as "heresias" da Ciência segundo a Igreja

por Washington Castilhos

A tensão entre Religião e Ciência vem de séculos. Segundo o físico Enio Candotti, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), "os enrijecimentos da Igreja Católica em relação ao campo científico têm a ver com épocas em que sua centralidade se viu questionada". Foi assim em fins de 1500: enquanto o protestantismo colocava em xeque essa "centralidade", o filósofo e cientista italiano Giordano Bruno era levado à fogueira pelo Tribunal do Santo Ofício (a Inquisição) por defender a pluralidade dos mundos. Anos mais tarde, o físico Galileu Galilei também seria condenado a abjurar publicamente suas idéias e à prisão domiciliar por sustentar a idéia de que o Sol era o centro do Sistema Solar, e não a Terra – como a Igreja defendia.

Para Candotti, a Igreja continua a desconhecer o mundo real como fonte de conhecimentos, razão pela qual ela se coloca contra a atitude científica de constante procura. "A Ciência é um sistema aberto e inacabado, que procura constantemente entender o mundo. Por outro lado, de acordo com a lógica religiosa, tudo já se sabe, tudo está pronto, a verdade absoluta já está revelada".

A criação do mundo é um bom exemplo da ruptura entre a visão religiosa e a científica. Enquanto a Igreja defende a narrativa bíblica da criação – de que o mundo foi criado em seis dias e no sétimo dia Deus descansou – a Ciência sustenta a teoria darwinista da evolução das espécies e de que o universo teve origem numa explosão inicial – a teoria do Big Bang.

"A idéia de criacionismo precisa ser revista pela Igreja", observa o físico e astrônomo Ronaldo Mourão, fundador do Museu de Astronomia do Rio de Janeiro. Para ele, a Igreja já reconheceu, mesmo que nas entrelinhas, que a narrativa bíblica é simbólica. Na introdução de seu livro "Do universo ao Multiverso: uma nova visão do cosmos" (Ed. Vozes), Mourão cita uma frase dita por João Paulo II em audiência aos participantes da Semana de Estudos sobre Cosmologia e Física Fundamental da Pontifícia Academia de Ciência. "Toda hipótese científica sobre a origem do mundo, como aquela do átomo primitivo do qual derivaria o conjunto do universo físico, deixa aberto o problema relativo ao começo do universo [...] A própria Bíblia nos fala de origem do universo, não para nos fornecer um estudo científico, mas para precisar as justas relações do homem com Deus e com o universo".

É preciso lembrar que em relação à Inquisição, o Vaticano só "reconheceria seu erro" quase dez séculos depois. Significativamente, foi João Paulo II quem pediu perdão ao mundo pelos abusos cometidos pelo Tribunal do Santo Ofício. Apesar desse arrependimento tardio, vale dizer que a Inquisição, de fato, nunca foi extinta. Em 1908 seu nome foi alterado para Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé,

que foi presidida durante 23 anos (no período de João Paulo II) pelo Cardeal Joseph Ratzinger, atual papa.

Uso de embriões em debate: Uma célula viva tem a mesma relevância de um indivíduo?

Ainda à frente da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, o então cardeal Ratzinger participou da elaboração do documento Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação, segundo o qual, perante Deus, a vida tem início a partir da união do óvulo com o espermatozóide, conceito utilizado pela Igreja para condenar técnicas como a fertilização in vitro, o uso de células-tronco embrionárias na pesquisa e a descriminalização do aborto.

O documento deixa claro que os recursos médicos para vencer a esterilidade não devem separar “os aspectos essenciais unitivo e procriador”, e critica procedimentos que usem o material de terceiros (doadores de gametas) por considerá-los contrários à unidade do matrimônio. O cerne da crítica está no problema do respeito aos embriões considerando que “o ser humano deve ser respeitado como pessoa desde o primeiro instante de sua existência”, segundo essa compreensão, no momento da fecundação.

Apoiada nos argumentos desenvolvidos pelos especialistas da Pontifícia Academia para a Vida, a Igreja Católica condena a experimentação com embriões humanos, exceto as investigações em benefício do embrião individual investigado. Entende-se que o embrião já seria um ser humano pleno desde a concepção e cuja vida deve ser respeitada.

“Toda a posição da Igreja em relação a esses temas utiliza a linguagem da Ciência. Eles aplicam a lógica da Ciência dentro do que estão defendendo, isto é, usam argumentos científicos a seu favor. No caso das pesquisas com células-tronco, a Igreja usa argumentos científicos para dizer que o embrião doador era uma vida. Logo, é um embrião que não se pode congelar”, analisa a socióloga Maria das Dores Machado, da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ).

Segundo Enio Candotti, a definição religiosa de quando começa a vida é arbitrária. “O conceito de começo da vida oscilou durante séculos. Eles já consideraram que o feto tinha vida após alguns meses. São coisas que eles vão atualizando”, revela. Para Candotti, não basta as duas células se unirem. “Há uma série de momentos que poderiam ser considerados como início da vida. Mas um ser humano é muito mais complexo. Devemos considerar como legítimo o fato de algumas pessoas acreditarem na lógica religiosa, mas querer que todos sigam e se adaptem a essas crenças é grave. São afirmações que podem soar coerentes, mas não podem justificar políticas públicas. Aborto e células-tronco são questões de saúde pública”.

Cientistas favoráveis ao uso de embriões humanos em pesquisa argumentam que no estágio inicial não haveria um ser humano, apenas um pré-embrião, um aglomerado de células que pode se dividir em mais de um ser, ou cujo desenvolvimento pode cessar. Nesse debate, várias teorias são propostas para explicar o início de uma vida humana. “Se a Igreja Católica argumenta com a fecundação, amparando-se na continuidade genética do indivíduo, outras teses poderiam ser consideradas, como o surgimento da linha primitiva (primórdio da medula espinhal por volta do 15º dia), o surgimento da placa neural (primórdio do sistema nervoso central), a identificação de batimentos cardíacos, a aquisição de sensibilidade e o nascimento com vida. Enfim, não há uma posição unívoca sobre o início da vida humana, e muito menos da condição de pessoa humana”, analisa

Naara Luna, pesquisadora do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES/UFRJ).

Para o médico sanitário Sergio Rego, coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública, o maior obstáculo é a visão conservadora da vida social sustentada pela Igreja. “Não há dúvidas de que há vida em duas células que se juntam. No entanto, a questão central trazida pela Ciência é reconhecer a partir de que momento esta vida é moralmente relevante. Uma célula viva tem a mesma relevância do que o indivíduo?”, questiona. “A busca científica concentra-se em encontrar soluções concretas e viáveis. Não devemos negar oportunidades a pessoas que potencialmente irão se beneficiar um dia das pesquisas com células-tronco”.

“Ataques contra a vida”

A posição do magistério da Igreja Católica sobre as novas tecnologias reprodutivas corrobora com o que a Igreja afirma sobre anticoncepção, ou seja, não são lícitos métodos contraceptivos que separem sexualidade e reprodução, pois o ato sexual deve estar sempre aberto para a possibilidade de procriação.

“A fertilização in vitro e correlatos seria condenável tanto pela separação de sexualidade e reprodução como por produzir embriões humanos, equivalentes a pessoas no entender do magistério católico, dos quais muitos não serão transferidos para o útero materno, sendo descartados ou mantendo uma existência em suspenso devido aos métodos de congelamento”, diz Naara.

Em seu discurso aos participantes da 13ª Assembléia Geral da Pontifícia Academia para a Vida, que teve como tema “A consciência cristã em favor do direito à vida”, Bento XVI coloca as novas tecnologias reprodutivas na lista de ameaças contra a vida. Nele, Ratzinger afirmou ser necessário “admitir que os ataques contra a vida, no mundo inteiro, se ampliaram e multiplicaram, adquirindo também novas formas. São cada vez mais vigorosas as pressões para a legalização do aborto nas nações da América Latina e nos países menos desenvolvidos, mesmo com o recurso à liberalização das novas formas de aborto químico, sob o pretexto da saúde reprodutiva [...] Ao mesmo tempo, nos países mais desenvolvidos aumenta o interesse pela investigação biotecnológica mais aprimorada, para instaurar vastas metodologias de eugenismo, até à busca obcecada do “filho perfeito”, com a difusão da procriação e de várias formas de diagnóstico, que tendem a garantir a sua seleção. Uma nova onda de eugénica discriminatória encontra consensos em nome do presumível bem-estar dos indivíduos [...]”.

Entre as várias formas de diagnóstico citadas pelo Papa como “metodologias de eugenismo”, figuram recursos como o diagnóstico genético pré-implantação, o qual permite identificar embriões portadores de alterações genéticas. “Embriões portadores de doenças seriam destinados ao descarte e não à implantação no útero, procedimento condenado pelo magistério da Igreja Católica como eugenia. Só seria aceitável a intervenção no embrião que visasse sua cura e preservação com vida. Algumas autoridades católicas comparam esses procedimentos ao aborto eugénico ou à antecipação de parto de feto anencefálico”, observa a antropóloga Luna.

Lembrando que em vários momentos da história a Igreja foi obrigada a reconhecer seus erros e a fazer concessões, Sérgio Rego afirma que tem “grande esperança de que a tomada de consciência do Vaticano pelos equívocos cometidos hoje em dia se dê de forma mais rápida do que aconteceu com Galileu”.

Milagres do Frei Galvão: o uso da Ciência

Um dos destaques da agenda do Papa Bento XVI no Brasil será a canonização de frei Galvão, o primeiro santo brasileiro, cujos “milagres” passaram por um processo de comprovações necessário para sua santificação.

O texto do website oficial da visita do papa ao Brasil explica aos leitores que “por milagre entende-se um fato inexplicável segundo as leis da natureza, realizado por Deus pela intercessão do Servo de Deus. Esse milagre possui algumas características de grande relevância: deve ser um fato, normalmente uma cura, que deve ser instantânea, perfeita, duradoura, e não explicável cientificamente. Este suposto milagre é analisado por uma comissão de médicos do país, que emitirão um parecer a ser encaminhado ao Vaticano. Lá chegando, o caso será novamente estudado por uma comissão formada, em geral, por cinco médicos, que também emitirão parecer próprio. Note-se que aqui o que realmente interessa neste parecer não é que afirmem a existência de um milagre, mas que concluam por uma impossibilidade científica de explicação”.

O que chama a atenção no processo de canonização é que o que dá legitimidade ao milagre é exatamente a impossibilidade de explicação do feito milagroso por parte da Ciência. “É interessante observar que, ao invocar a ciência para comprovar os milagres que produzem santos, a Igreja Católica deixa transparecer seu imaginário sobre os cientistas: aqueles que falam a verdade em nome da natureza. Atestar milagres significa, nesse caso, um cientista afirmar, a partir do conhecimento íntimo que mantém com a natureza, que um fato determinado não tem explicação segundo as leis da natureza”, analisa a socióloga da Unicamp, Teresa Citeli.

No caso do frei Galvão, o “milagre” foi garantir o nascimento de um filho saudável, para uma mulher que já tinha tido diversos abortos espontâneos. Segundo Teresa, a mesma tática de aproximação oportunista com a Ciência também é utilizada no momento de argumentar sobre o início e o final da vida, para se contrapor à contracepção, ao direito ao aborto, ao uso das células-tronco embrionárias e à eutanásia.

Sergio Rego acha que, historicamente, a contaminação da análise científica por valores religiosos tem levado a uma visão embaçada do campo científico. “Não faltam exemplos de como a abordagem do campo científico feita pela Igreja Católica tem se dado de forma trágica”, observa. Além disso, o cientista considera que a Igreja Católica tem conseguido disseminar suas propostas morais utilizando estratégias de comunicação muito eficientes. Um exemplo candente é a canonização de frei Galvão que, segundo ele, pode impactar negativamente no debate político nacional: “A santificação de frei Galvão refletirá no ‘ânimo’ católico de uma maneira geral. O resultado desse novo ‘ânimo’ dependerá da centralidade das mensagens do papa e de como essas mensagens serão divulgadas. Não me surpreenderei com um recrudescimento das ações contra as liberdades individuais e coletivas em nome dos princípios religiosos. Há uma grande bancada no Congresso Nacional e no governo que estão prontas a atenderem as demandas da batina”.

Essa não é a primeira vez que um papa visita o país. Se a primeira visita de João Paulo II em 1980 teve um efeito demolidor sobre a Teologia da Libertação, a segunda, em 1997, claramente implicou a ampliação de vozes e iniciativas contrárias ao aborto. Teresa Citeli, embora considerando ser difícil fazer um prognóstico preciso do que pode acontecer após a passagem de Ratzinger, reconhece que a passagem do atual papa deve deixar um rastro ainda mais conservador: “Os grupos mais reacionários em relação à sexualidade e reprodução poderão ganhar algum impulso. Entretanto, a defesa desses direitos também está

mais estruturada e certamente saberá responder a uma possível ressaca fundamentalista, míope e antidemocrática.”